

**BAKHTIN E AS IDENTIDADES SOCIAIS:
UMA POSSÍVEL CONSTRUÇÃO DE CONCEITOS**

Petrlson Alan Pinheiro
(petrlsonpinheiro@yahoo.com.br)
(petripinheiro@yahoo.com)

RESUMO

O grande interesse por questões acerca das identidades sociais é resultado das diversas mudanças que vêm ocorrendo nas práticas de sociabilidade do nosso mundo contemporâneo; um mundo de contradições, de diversos encontros e desencontros entre teorias e práticas, buscando respostas que, por sua vez, parecem estar na origem de novas perguntas (Pinheiro, 2006). É tomando como base o contexto sócio-histórico da pós-modernidade que norteio este trabalho, cujo objetivo é o de investigar a construção das identidades sociais a partir de uma perspectiva sócio-histórica do discurso. Para tanto, tomarei como ponto central uma visão bakhtiniana de linguagem, cuja base epistemológica é corroborada pelo princípio de que as relações de sujeitos e de sentidos, nas quais as identidades sociais são constituídas, bem como seus efeitos, são múltiplas e variadas, isto é, são entendidas como heterogêneas, contraditórias, e em fluxo, constituintes das práticas discursivas nas quais atuamos (Orlandi, 2001). Nas considerações finais do trabalho, discuto que devemos refletir acerca do fato de que uma pessoa, ao se ver como homem ou mulher, não está expondo sua natureza, uma suposta essência do seu ser, mas está se interpretando e se construindo de uma forma que a permita criar sentidos no mundo social. Por isso, pondero que é preciso que pensemos não mais em identidades estanques, mas em posições fluidas, em que a repressão e a desigualdade funcionam sim, mas que podem ser substituídas pelo próprio movimento destas identidades.

Palavras-chave: Bakhtin; Identidades sociais; sócio-história

INTRODUÇÃO

O interesse cada vez maior por questões acerca das identidades sociais é resultado das diversas mudanças que vêm ocorrendo nas práticas de sociabilidade do mundo contemporâneo; “um mundo de contradições, de muitos encontros e desencontros entre teorias e práticas, buscando respostas que, por sua vez, parecem estar na origem de novas perguntas” (Pinheiro, 2006, p. 1).

É inegável que, nos últimos anos, houve mudanças significa-

tivas nos jogos relacionais que se traduzem em formas interativas de sociabilidade entre os mais variados conjuntos de atores sociais. Mudanças em relação à autoridade dos padrões morais e sociais tradicionais e das sanções sobre as condutas dos jovens; os conflitos de gerações em consequência da divergência entre jovens e adultos, entre o declínio da ética puritana, de um lado e o crescimento de uma ética consumista, de outro.

O grande fluxo de informação, bem como seu fácil acesso, disponibilizou diversas formas de ver e viver a experiência humana, ao mesmo tempo em que contribuiu para propiciar um repensar e uma redefinição das relações e identidades sociais construídas nos contextos locais de atuação.

O presente estudo, então, focalizará a construção identidades sociais a partir de uma perspectiva sócio-histórica bakhtiniana, na tentativa de promover um diálogo entre esses construtos. Início esta pesquisa, discutindo acerca da visão bakhtiniana de linguagem; na seção seguinte, procuro estabelecer uma inter-relação entre a construção das identidades sociais e a perspectiva sócio-histórica bakhtiniana; por último, teço algumas considerações finais acerca do trabalho como um todo.

BAKHTIN: POR UMA VISÃO SÓCIO-HISTÓRICA DA LINGUAGEM

As teorias de Bakhtin, conforme aponta Freitas (1997), se constituíram concepções a partir de uma visão totalizante da realidade, compreendendo o sujeito como um conjunto de relações sócio-históricas. Segundo a própria autora:

Contrárias às dicotomias presentes nas concepções de linguagem e de psicologia de seu tempo por oscilarem entre os pólos subjetivo e objetivo, Bakhtin arquitetou suas teorias em um entrelaçamento entre sujeito e objeto, propondo uma síntese dialética imersa na cultura e na história (Freitas, 1997: 316).

A partir dessa visão de linguagem, Bakhtin desenvolve o conceito de dialogismo, cujo sentido pode ser interpretado como o elemento que instaura a natureza interdiscursiva da linguagem na medida em que diz respeito ao permanente diálogo, nem sempre simétrico

e harmonioso (Foulcault, 1988), existente entre os diferentes discursos que configuram uma comunidade, uma cultura, e uma sociedade, assim como elemento representativo das relações discursivas que se estabelecem entre o eu e o outro nos processos discursivos instaurados historicamente pelos sujeitos, processos discursivos pelos quais os sujeitos também são instaurados em “contextos que não estão simplesmente justapostos, como se fossem indiferentes uns aos outros; encontram-se numa situação de interação e de conflito tenso e ininterrupto” (Bakhtin, 1981, p. 96).

Para Bakhtin, a consciência, então, é engendrada pelas relações que os homens estabelecem entre si no meio social através da mediação da linguagem (Blanck, 1996). A interação, portanto, com o outro no meio social tem um papel fundamental, pois

...sem ele (o outro) o homem não mergulha no mundo sógnico, não penetra na corrente da linguagem, não se desenvolve, não realiza aprendizagens, não ascende às funções psíquicas superiores, não forma a sua consciência, enfim, não se constitui como sujeito (Freitas, 1997, p. 320).

É justamente nas relações interpessoais que, então, passamos a construir o conhecimento, os quais se constituem por meio da internalização de discursos alheios, que “não simplesmente a transferência de uma atividade externa para um plano interno, preexistente, de consciência, mas o processo no qual esse estágio interno é formado” (Blanck, 1996, p. 45).

Por estarmos constantemente internalizando e revozeando os enunciados dos outros, a linguagem apresenta, segundo Bakhtin (2003), um caráter heteroglóssico; assim como dialógico, uma vez que esses enunciados sempre pressupõem uma atitude responsiva do(s) outro(s) a quem eles se dirigem. Conforme o próprio Bakhtin (2004, p. 79) assevera: “nenhuma enunciação verbalizada pode ser atribuída exclusivamente a quem a enunciou: é produto da interação entre falantes e em termos mais amplos, produto de toda uma situação social em que ela surgiu”. Por conseguinte, o *eu* e o *outro* constroem, cada qual, um universo de valores. A esse respeito, Faraco (2003, p. 22) assevera que:

O mesmo mundo, quando correlacionado comigo e com o outro, recebe valorações diferentes, é determinado por diferentes quadros axiológicos. E essas diferenças são arqueteticamente ativas, no sentido de que elas são constitutivas dos nossos atos (inclusive de nossos enuncia-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

dos): é na contraposição de valores que os atos concretos se realizam; é no plano dessa contraposição axiológica (é no plano da alteridade, portanto) que cada um orienta seus atos.

A alteridade para Bakhtin, portanto, não é um destinatário pacífico, cuja única função se resume em compreender o locutor; sua atitude em relação à fala do locutor é sempre responsiva ativa e materializa-se na sua resposta (externa ou interna). É exatamente uma resposta e não uma compreensão passiva que o locutor espera do(s) outro(s) a quem o seu discurso se dirige, resposta que pode se materializar sob a forma de uma concordância, adesão, objeção, execução, etc. (Clark, 1998).

Em face da atitude responsiva ativa do outro perante o enunciador, o enunciado pressupõe sempre, conforme Bakhtin, uma apreciação valorativa. Tal apreciação é norteadora por avaliações que fazemos na vida, com base em critérios éticos, cognitivos, políticos, religiosos ou outros, de enunciados concretos, e envolvem elementos extraverbiais, sem cujo conhecimento se torna impossível compreender o discurso.

É a alternância dos sujeitos falantes que traça a fronteira entre os enunciados nas diversas esferas da atividade e existência humana, adotando características e formas diversas, dependentes das atribuições linguísticas e das condições e situações variadas de comunicação. Embora essa alternância seja observada de forma mais evidente no diálogo, todo enunciado pressupõe um caráter responsivo, ou seja, um enunciador. Nossos enunciados estão repletos da fala dos outros, isto é, de outros enunciados que são assimilados ou empregados de forma consciente ou não-consciente.

Como aponta Brait (1997), o dialogismo na teoria bakhtiniana pode ser interpretado como o elemento que instaura a natureza interdiscursiva da linguagem, na medida em que diz respeito “ao permanente diálogo, nem sempre simétrico e harmonioso, que existe entre os diferentes discursos que configuram uma comunidade, uma cultura, uma sociedade” (Brait, 1997, p. 98), assim como o elemento representativo das relações discursivas que se estabelecem entre o eu e o outro nos processos discursivos instaurados historicamente pelos sujeitos.

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE SOCIAL
DENTRO DE UMA PERSPECTIVA BAKHTINIANA
DE LINGUAGEM

Por conceber a natureza da linguagem como constitutivamente dialógica, apontando para as complexas relações entre história e embates ideológicos na constituição do ser humano, entendemos que a construção do conhecimento na vida social constitui um processo complexo e, não pouco freqüentemente, marcado por contradições.

Ao buscar, nos conceitos bakhtinianos, fundamentos para refletir sobre a construção do conhecimento na vida social, estamos adotando uma posição socioconstrucionista acerca dos discursos e das identidades sociais (Cf. Moita Lopes, 2002), cujo construto teórico se baseia em uma visão constante de incompletude, fluidez e uma atitude dialógica perante os discursos analisados, reconhecendo as inúmeras ideologias que os perpassam, a sua especificidade perante uma situação material de produção específica e, portanto, a impossibilidade de submetê-los à análise por meio de uma teoria acabada sem perder de vista a sua complexidade.

Bakhtin desenha uma sociologia do discurso, chamando a atenção para o fato de que o discurso verbal, em qualquer esfera da vida, não pode ser compreendido fora da situação social que o engendra, não existindo isoladamente na medida em que participa do fluxo social em um constante processo de interação e troca com outras formas de comunicação (Cf. Brandão, 1997).

Delineia-se a partir daí um método para a análise do discurso que vai além da situação material de produção na qual os enunciados concretos são proferidos, buscando na história, na cultura, na vida e no conhecimento compartilhado dos participantes, e dos contextos sociais nos quais estão inseridos, suas construções identitárias que, por serem atribuições situadas sócio-historicamente, são sempre “relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados, isto é, são entendidas como heterogêneas, contraditórias, e em fluxo, constituintes das práticas discursivas nas quais atuamos” (Orlandi, 2001, p. 21).

Podemos inferir, então, a partir do que foi exposto, que as concepções postuladas por Bakhtin em relação à linguagem colocam

a interação com o outro no mundo social como central no processo de constituição da consciência. O ser humano, portanto, constitui-se na e por meio da alteridade, e todas as atividades e papéis por ele desempenhados, nas mais diversas esferas do mundo social, encontram-se impregnados do discurso de outrem (Fairclough, 1992). Dessa forma, ao se tomar o diálogo entre os interactantes como um palco de batalhas ideológicas, visões de mundo e conhecimentos entram em constante conflito visando engajar discursivamente os participantes em um processo de reflexão sobre a própria ação. Por isso, consideramos fundamental compreender o discurso como o meio através do qual seja possível entender que a nossa participação nas mais diversas esferas da vida social determina quem somos, como avaliamos o outro e como pensamos que esse outro nos avalia, desencadeando um processo ininterrupto de (re)construção de identidades.

Nesse sentido, as ideologias reveladas no discurso dos interactantes são diretamente influenciadas pela participação deles em diferentes comunidades de prática (Lave & Wenger, 2002), ao mesmo tempo em que revelam as identidades por eles constituídas no decorrer das interações com o(s) outro(s) nessas comunidades. À medida que essas identidades entram em conflito, são questionadas e analisadas, o diálogo pode se tornar um espaço para (re)construção de identidades para todos os participantes envolvidos.

Pode-se propor, a partir dessa visão, que a nossa participação nas práticas de diferentes comunidades leva à construção de identidades em relação a essas comunidades. Sob esse prisma, participar, por exemplo, de um grupo virtual, de uma equipe de trabalho ou de uma discussão em sala de aula constitui-se ao mesmo tempo em ações e formas de pertencimento. Tais participações influenciam não apenas o que fazemos, mas quem somos e a forma como interpretamos aquilo que fazemos.

Podemos inferir, então, que todos nós pertencemos a diversas comunidades de prática: em casa, no trabalho, na escola, na Internet, comunidades essas que mudam no curso de nossas vidas. A forma como participamos dessas comunidades representa experiências de aprendizagem e, logo, de constituição de identidades. O processo de (re)construção de identidades por meio das sucessivas formas de participação nas comunidades de prática determina nossa trajetória nes-

sas comunidades, fazendo da identidade um processo de vir a ser, um constante tornar-se. Por relacionar presente, passado e futuro, a noção de identidade implica a idéia de constante movimento, e não de destino fixo (Fairclough, 1992).

Vista como trajetória, as nossas identidades, portanto, são constituídas historicamente (Moita Lopes, 2002), incorporando o passado e o futuro no processo de negociação do presente, permitindo-nos selecionar o que contribui e o que permanece marginal para a constituição da nossa identidade. Cada comunidade de prática se torna um campo de possíveis trajetórias, de possíveis passados e possíveis futuros em que os participantes podem se engajar. Considero, portanto, o processo de constituição das identidades sociais como uma construção social, ou seja, como uma experiência de pertencimento múltiplo, que ocorre por meio de uma relação constante entre elementos globais e elementos locais; na inter-relação entre aspectos sócio-históricos mais amplos e entre as especificidades que caracterizam uma comunidade de prática determinada.

Ao relacionar os conceitos de identidades sociais, pertencimento e comunidades de prática com as concepções bakhtinianas já discutidas, pretendemos dar conta de questões de ordem sócio-histórica, dentro de um processo reflexivo entre os interactantes participantes do presente estudo, visto que o diálogo entre eles se torna um espaço para reflexão sobre o processo de (re)construção de suas identidades sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio deste estudo, procurei mostrar como a(s) maneira(s) com as nos posicionamos discursivamente contribuem para (re)construir quem somos no mundo social. Nesse jogo estrutural dos sentidos, devemos, por conseguinte, buscar a interpretação ativa frente a uma realidade sem sentido metafísico, sem sentido imanente, que possibilite a criação constante de novas formas de agir. Devemos construir identidades, e subvertê-las quando estas não mais nos servirem.

À luz desta visão bakhtiniana de linguagem, entendemos que nós não somos, no sentido metafísico, homens, mulheres, heterossexuais e homossexuais, mas estamos, como poderíamos estar outra

coisa. Nós somos num sentido não metafísico, imutável, essencial; somos sim constituídos dentro de uma visão hermenêutica de vida. O que quero dizer, a partir disso tudo, é que se entendemos que (re)construímos quem somos sócio-historicamente, isto é, por meio da interação que estabelecemos com o(s) outro(s) frente a uma certa realidade, então, isso significa que podemos, a partir dessa perspectiva, sempre atribuir novos sentidos e uma nova liberdade ao modo como interpretamos essa realidade.

Deveríamos, portanto, pensar não mais em identidades estanques, mas em posições fluídas e múltiplas, em que a repressão e a desigualdade funcionam sim, mas que podem ser substituídas pelo próprio movimento destas identidades (Pinheiro, 2006). E, contrariando *Hamlet*, célebre personagem de Shakespeare, talvez a grande questão, sobretudo no mundo virtual, não seja mais *ser ou não ser*, mas sim *ser E não ser*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 7ª ed. São Paulo: Hucitec, 1981.

———. *Estética da criação verbal*. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes. 2003.

———. *O freudismo*. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes. 2004.

BLANCK, Guillermo. Vygotsky: o homem e sua causa. **In:** MOLL, L. C. (org) *Vygotsky e a educação: implicações pedagógicas da psicologia sócio-histórica*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

BRAIT, Beth. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. **In:** ——. (Org.). *Bakhtin, dialogismo e construção de sentido*. Campinas: UNICAMP, 1997.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine Escrita, Leitura, dialogicidade. **In:** BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin, dialogismo e construção de sentido*. Campinas: UNICAMP, 1997.

CLARK, Katerina. & Michael. HOLQUIST. *Mikhail Bakhtin*. 1998. São Paulo: Perspectiva, 1998.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

FAIRCLOUGH, Norman. *Discourse and social change*. Cambridge: Polity Press, 1992.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem e diálogo: as idéias lingüísticas do círculo de Bakhtin* Curitiba: Criar, 2003.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade*. Vol 1. Rio de Janeiro: Graal. 1988.

FREITAS, M. T. A. Bakhtin e Vygotsky: um encontro possível. In Brait, B. (Org.) *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. São Paulo: Unicamp, 1997.

LAVE, Jean & WENGER, Etienne. *Prática, pessoa, mundo social*. In: DANIELS, Harry(org) *Uma introdução a Vygotsky*. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Loyola. 2002.

MOITA LOPES, (Org.). *Discursos de identidades*. Discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família. Campinas: Mercado de Letras. 2002.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise do discurso: Princípios e procedimento*. 3ª ed., Campinas: Pontes, 2001.

PINHEIRO, Petrilson A. A narrativa autobiográfica num programa televisivo religioso: um meio de (re)construção sócio-discursiva de gênero e masculinidades. In: *Revista Entrelinhas*, São Leopoldo (RS). Ano III, nº 2, jul/dez 2006. Disponível em <http://www.entrelinhas.unisinos.br/index.php?e=5&s=9&a=32>. Acesso em 21 mar. 2006.